

ORIGENS DA IMPRENSA FEMININA SUL-RIO-GRANDENSE: JULIETA DE MELO MONTEIRO E O PROGRAMA DO PERIÓDICO *VIOLETA*

FRANCISCO DAS NEVES ALVES*

RESUMO

Análise das origens da imprensa feminina do Rio Grande do Sul, com destaque para o semanário *Violeta*, editado pela escritora gaúcha Julieta de Melo Monteiro, uma das mais importantes representantes da escrita feminina no âmbito regional e nacional. O estudo apresenta uma especial atenção para com o programa do periódico em pauta.

PALAVRAS-CHAVE: imprensa feminina, Julieta de Melo Monteiro, *Violeta*, literatura

ABSTRACT

Analysis of the origins of the women's press in Rio Grande do Sul, highlighting the weekly *Violeta*, edited by the Rio Grande do Sul writer Julieta de Melo Monteiro, one of the most important representatives of women's writing in the regional and national spheres. The study pays particular attention to the program of the periodical in question.

KEYWORDS: women's press, Julieta de Melo Monteiro, *Violeta*, literature

Os avanços e luzes característicos do século XIX não atingiram a plenitude em meios às sociedades ocidentais da época, permanecendo alguns ferrenhos conservadorismos. Um deles esteve ligado à manutenção das restrições sociais impostas às mulheres, com a continuidade em larga escala dos laços patriarcais que pretendiam manter o sexo feminino aferrado às lides domésticas e restrito ao âmbito do lar, devendo permanecer as mulheres inexoravelmente atreladas ao papel de mãe e esposa. Contra tal subordinação levantaram-se muitas vozes e dentre elas, desempenharam papel fundamental as diversas representantes da escrita feminina que, por meio das palavras, empreenderam

* Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande. Doutor pela PUCRS. Realizou pós-doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); Universidade de Lisboa (2013); Universidade Nova de Lisboa (2015); UNISINOS (2016) e Universidade do Porto (2017). E-mail: fnah@vetorial.net

verdadeiras batalhas em prol da causa da emancipação da mulher.

Essas mulheres escritoras se espalharam pelo mundo, levando em frente uma batalha dura, contra um inimigo que parecia imbatível, vinculado ao conservantismo social predominante. Entre avanços e recuos, a escrita feminina foi ganhando espaço, embora muitas vezes refutada, menosprezada e até ridicularizada, enfrentando toda a espécie de preconceito e, fundamentalmente, a tentativa do silenciamento. Nesse campo da escrita, as mulheres representavam um contingente tão diferenciado numericamente quanto à predominância masculina que nesta época se lapidou a expressão “homens de letras” para designar a intelectualidade. Claro que o termo “homem” poderia trazer em si o sentido da própria humanidade, mas não deixava de, ainda que sub-repticiamente, apresentar um viés reducionista quanto ao gênero.

Essa foi uma época em que o ato de escrever não foi fácil para as mulheres. Por várias vezes, sua escritura ficava restrita ao domínio privado, ou seja, transformar o escrito em algo público constituía um processo prenhe em dificuldades. As escritoras tiveram de enfrentar o sarcasmo que acompanhava as mulheres que pretendiam ser autoras. Era uma fronteira de prestígio difícil de ultrapassar, por causa da resistência em aceitá-las nestas condições. Além disso, ficavam também demarcadas as dificuldades de reconhecimento para que uma mulher conseguisse transpor a barreira das letras. Mas não foi um caminho estéril em resultados, pois, apesar de tudo, as mulheres transpuseram esses obstáculos, vindo a conquistar a literatura (PERROT, 2015, p. 97-99).

A produção textual de autoria feminina se distingue de outros textos por possuir um tom, uma dicção, um ritmo e uma respiração próprios, com uma plena articulação entre uma escrita intimista e as reflexões diante da realidade (BRANCO, 1991, p. 13-14). Na escrita feminina podem ser identificadas tanto as indagações, os desejos reprimidos ou incontroláveis e a batida sufocada ou desenfreada dos corações (BRANCO, 1989, p. 87), quanto os olhares reflexivos sobre a sociedade nas quais as escritoras estavam inseridas. Nos textos literários de autoria feminina podem surgir algumas marcas específicas ou rastros de subjetividade (MAGALHÃES, 2005, p. 9) os quais interagem com a conjuntura que cerca tais textos.

A escrita feminina pode trazer em si a identificação de características literárias próprias, ou seja, as obras de autoria feminina podem apresentar “qualidades”, em sentido neutro, próprias, as quais aparecem tão diversificadas quanto as encontradas entre obras de homens escritores. Nessa linha, ocorre

a possibilidade de que sejam detectados alguns traços comuns, detonadores de afinidades, ou de um “denominador comum”, para além das múltiplas diferenças (MAGALHÃES, 1995, p. 17).

Em se tratando do final do século XIX e primórdios do XX, há uma tendência de que tais características intrínsecas da escrita feminina fossem mais evidentes, tendo em vista a condição social imposta à mulher, criando-lhe significativos obstáculos que se antepuseram constantemente à sua ação. Desse modo a produção textual feminina, em suas peculiaridades ou similitudes está fortemente vinculada aos contextos histórico-culturais e sociais específicos em que foi elaborada, ou seja, como fenômeno histórico que é, tal escrita não fica intocada pelo devir histórico (MINGOCHO, 2005, p. 8).

No contexto sul-rio-grandense, várias mulheres dedicaram-se às letras e, com formas de agir e pensar que variaram entre si, também agiram decisivamente na mudança de horizontes quanto ao papel social feminino. Dentre essas escritoras teve destaque uma poetisa e jornalista que, desde a juventude, empreendeu um grande esforço em prol da transformação de paradigmas. Ela nasceu a 21 de outubro de 1855 e chamava-se Julieta Nativa de Melo. Pertencia a uma família fortemente vinculada às letras, envolvendo o avô Manoel dos Passos Figueroa, escritor e jornalista; a mãe, Revocata dos Passos Figueroa Melo, professora e poetisa; o tio Manoel dos Passos Figueroa, engenheiro e escritor; outro tio, Deodato dos Passos Figueroa, professor e escritor; e a tia Amália Figueroa, poetisa. Além disso, havia o irmão, Otaviano Augusto de Melo, poeta que manteve um jornal literário e Revocata Heloísa de Melo, escritora e periodista, ao lado da qual empreendeu incansavelmente a batalha através da palavra escrita. Para completar, ela se casou com o jornalista e poeta Francisco Pinto Monteiro, incorporando o sobrenome do marido, vindo a assumir o nome pelo qual ficaria mais conhecida – Julieta de Melo Monteiro.

Desde cedo, Julieta Monteiro passou a atuar como colaboradora junto à imprensa periódica, escrevendo para os mais variados gêneros jornalísticos, mormente junto das publicações literárias, mas também em jornais informativos, comemorativos, ilustrados e até caricatos. Ao final dos anos setenta, entre 1878 e 1879, ela se lançou no caminho que não mais abandonaria, fundando a *Violeta*, um semanário literário cuja redação e colaboradoras eram essencialmente do sexo feminino, bem como tinha por público alvo basicamente as mulheres. Apesar das pequenas dimensões, o periódico obteve certa projeção,

notadamente no que tange ao intercâmbio promovido o qual atingiu a maior parte das regiões brasileiras e chegou mesmo ao exterior (ALVES, 2013, p. 125-141).

Em seguida, no ano de 1883, Julieta esteve ao lado da irmã Revocata na execução de uma das mais importantes publicações literárias e femininas, tanto no contexto regional, quanto no nacional, através da edição do *Corimbo*, folha que marcou época em termos de escrita feminina, na difusão da leitura entre as mulheres e na busca por transformações no papel social feminino. Auxiliando a irmã no gerenciamento do jornal ou atuando diretamente na redação, Julieta Monteiro permaneceu no *Corimbo* até a sua morte, em 27 de janeiro de 1928. Ainda que as forças da escritora estivessem centradas na execução desta folha, ela não deixou de colaborar recorrentemente com outros jornais na conjuntura regional, nacional e até internacional.

Além de atuar incessantemente junto à imprensa, Julieta de Melo Monteiro publicou vários livros, como *Prelúdios* (1881), *Oscilantes* (1891), *Coração de mãe* (1893), *Alma e coração* (1897), *Berilos* (1911) e *Terra Sábara* (1928 – edição póstuma). Como típica representante da intelectualidade de sua época, Julieta Monteiro teve uma ação amplamente diversificada, pois, além de poetisa e jornalista, foi contista, cronista e dramaturga. Também no campo profissional, durante boa parte de sua vida, permaneceu ao lado da irmã Revocata na função de professora. Em termos políticos, foi aliada das forças partidárias liberais que enfrentaram o autoritário modelo castilhistaborgista, predominante no Rio Grande do Sul, ao longo da República Velha.

A escritora obteve projeção na vida cultural e literária do Rio Grande do Sul, deixando um legado às letras rio-grandenses, o qual pode ser avaliado não só pelo pioneirismo na imprensa feminina, como também através da criação de mecanismos para a divulgação da literatura, sobretudo pelas mulheres. Tal ação fica evidenciada em seus livros, nas tantas páginas dos periódicos em que colaborou, em sua atuação na *Violeta* e no *Corimbo* e na liderança exercida junto de entidades ligadas ao sexo feminino, estabelecendo enfim um intenso trabalho, desenvolvido em prol das letras e da mulher (MOREIRA, 2014a, p. 212-214).

Julieta de Melo Monteiro teve uma longa carreira que se desenvolveu desde o início dos anos setenta do século XIX, quando, bastante jovem, passou a atuar na colaboração com diversos jornais, até o encerramento de sua vida, ao final da década de vinte da centúria seguinte. Desse modo, foi aproximadamente meio

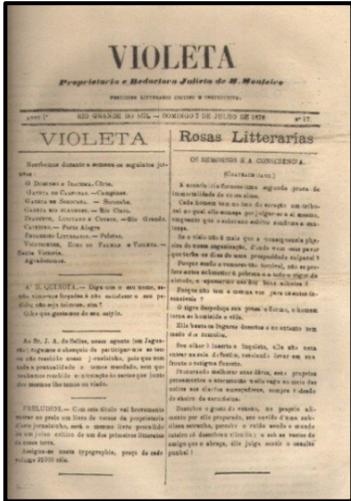
século de ampla dedicação à escritura, contribuindo decisivamente para a difusão da escrita e da leitura feminina. Ela conquistou reconhecimento e lançou mão do mesmo para difundir suas ideias, notadamente vinculadas a um novo papel social para a mulher. Ainda que tivesse uma visão moderada, a autora não deixou de defender mudanças, principalmente a partir da educação feminil.

A presença dessas mulheres escritoras no ambiente extremo-meridional brasileiro constitui um interessante caso para a história da literatura brasileira e sul-rio-grandense. Ainda assim, suas ações muitas vezes foram menoscabadas em termos de registro. No Brasil, em geral, a voz da mulher era muito pouco ouvida, o que pode ser constatado a partir das histórias da literatura brasileiras, ao proceder-se a um inventário das autoras do sexo feminino. No caso do Rio Grande do Sul, tal fenômeno se aprofunda, tendo em vista o pejo da inferioridade que por tanto tempo recaiu sobre a condição feminina, de modo que muitas delas foram negligenciadas pelas histórias da literatura. Nesse quadro, Julieta chegou de certo modo a constituir uma exceção, obtendo certa notoriedade (MOREIRA, 2014b, p. 38). Este livro visa à realização de alguns estudos de caso sobre a autora, voltados ao seu reconhecimento intelectual e à sua ação como autora de livros, poetisa, editora e militante.

O ato de editar periódicos constituiu uma prática fundamental à difusão da escrita feminina. Nesse sentido, Julieta Monteiro empreendeu uma ação coletiva, notadamente através da imprensa, que mobilizava escritoras e leitoras de vários lugares. De acordo com tal perspectiva, ela auxiliou na formação de uma rede de apoio para as mulheres literatas e ajudou-as a combater os preconceitos contra a produção feminina no mundo masculino da literatura (SCHUMAHER & BRAZIL, 2000, p. 308). Ocorria então uma tendência de certa solidariedade unificadora entre tais mulheres que não se encontravam isoladas umas das outras, mas, pelo contrário, formavam uma espécie de rede feminina que se estendia do âmbito regional ao internacional (SOARES, 1980, p. 145-146).

Assim, ao final da década de 1870, ocorreria um dos pontos altos da carreira de Julieta, quando, entre março de 1878 e julho de 1879, promoveu a edição do periódico *Violeta*. Tal publicação constituiu uma experiência breve no cronológico, mas com uma especial relevância, uma vez que, além de orientar-se por uma natureza estritamente literária, trazia consigo também um pioneirismo, já que foi uma das primeiras representantes da imprensa feminina no contexto gaúcho. Nesse sentido, a folha tinha um norte editorial voltado essencialmente para o público feminino e

seus textos redacionais e colaborações eram elaborados por mulheres.



Como era comum à época, a elaboração da *Violeta* era uma atividade praticamente unipessoal, ficando as diversas etapas da redação, revisão, confecção e distribuição do jornal nas mãos da própria Julieta Monteiro. Tal periódico trazia editoriais e expedientes da lavra da redatora e proprietária e sessões destinadas à prosa, à poesia, às correspondências e ao entretenimento, contando com a participação das colaboradoras. Apesar das pequenas dimensões, a *Violeta* atingiu significativo êxito, uma vez que, por meio da troca de exemplares, granjeou um

extraordinário intercâmbio que atingiu várias localidades gaúchas e cidades nas mais variadas regiões do império, abrangendo quase todas as províncias. Essa permuta não se limitou ao território brasileiro, chegando ao exterior, como foi o caso das cidades de Lisboa e Nova York, contribuindo para a difusão da produção literária feminina gaúcha nos mais variados âmbitos, além de levar o nome de Julieta para além das fronteiras locais e regionais.

Ao criar a *Violeta*, sua editora divulgou um programa no qual expressava seus intentos com a publicação do periódico, bem como demarcava algumas de suas perspectivas quanto ao jornalismo literário e à própria conjuntura da literatura de então¹ (O COMERCIAL, Rio Grande, 18-19 mar. 1878, a. 21, n. 65, p. 1). E tal visão não era das mais positivas, pois, segundo Julieta aquele empreendimento jornalístico visava a ser mais uma tábua, uma prancha, lançada ao grande naufrágio em que ia a literatura na província. Na opinião da periodista, esse naufrágio se evidenciava,

¹ Uma das mais completas coleções do periódico *Violeta* pertence à Biblioteca Rio-Grandense. Em tal hemeroteca, entretanto, não há o número inaugural do semanário, de modo que o programa da folha foi encontrado nas páginas do *Comercial*, publicação diária que circulava na cidade do Rio Grande na mesma época da gênese da *Violeta*.

não por falta de amor às letras e à liberdade, nem pela míngua de talentos, mas sim por uma frieza sistemática que a tudo enregelava e pretendia sufocar.

Na apresentação da *Violeta*, sua criadora fazia uma ode à literatura, considerando-a como uma pérola divina escapada dos lábios da providência. Dizia também que a poesia, apontada como a linguagem melíflua que falava com todos os acordes de uma harpa encordoada no céu, teria no Rio Grande do Sul um horizonte e uma arena vasta para os seus elegantes devaneios. Julieta enfatizava que a província sulina estaria entre as mais férteis em sazonar e produzir resultados, pois ali, por um dote como que natural das musas, a mocidade inspirava-se, ora nos grandes faustos de um glorioso passado, ora em uma natureza esplendente e sempre pródiga de maravilhas sublimes. Apesar de tal expectativa, a poetisa constatava que a perspectiva otimista não se confirmava, ainda mais no caso da escrita feminina. Para ela, “o egoísmo, essa máscara de gelo” com que se embuçava “a face do obscurantismo”, não queria e não consentia que nem por simples ensaio as jovens travassem de “suas mimosas penas” e viessem preencher nas “lutas grandiosas da ideia”, o lugar de honra que lhes destinava o natural impulso.

O tom crítico permanecia na apresentação do periódico, na qual Julieta Monteiro argumentava que, em outros tempos, o vocábulo literato, era tomado à esguelha pela ignorância dos “papalvos aristocratas”, verdadeiros “empadões políticos de outrora”. Segundo ela, esses tempos continuavam a se fazer presentes, quando se desenvolvia a “epidemia malina”. Diante disso, a jornalista declarava que a *Violeta* pretendia cometer uma cruzada toda de interesse público e utilidade instrutiva, surgindo altamente bela, logo que também o ilustrado público lhe prestasse o apoio de que necessitava.

Com base em tal pressuposto, a editora do periódico definia as metas do mesmo, afirmando que, na arena literária, a profissão de fé da publicação envolvia: a aceitação de escritos que tendessem ao interesse instrutivo e por consequência útil; e os autógrafos seriam submetidos a uma comissão de revisão, de maneira que não fossem confundidos escritos de mérito reconhecido, com outros, que nada tinham para a aceitação. Nesse sentido, Julieta garantia que, a partir de tais ideias, e junto a outras, que em artigos subsequentes seriam traçadas acerca do programa, estaria estabelecida “a modesta *Violeta*”, para a qual pedia a proteção pública, por vir ela a concorrer para o grande sucesso, qual o de instruir, recrear e deleitar a todas as classes da sociedade. Assim, a proprietária e

redatora concluía a apresentação, esperando que, se a felicidade coroasse seus esforços, em breve tempo, promoveria melhoras do material, bem como aumentaria o formato daquele “jornalzinho”.

A *Violeta* era apresentada no frontispício como periódico literário, crítico e instrutivo, invertendo, posteriormente, para literário, instrutivo e crítico, constituindo um hebdomadário publicado aos domingos. Os principais segmentos do semanário eram “Rosas literárias”, para os textos em prosa e “Íris poético”, destinado aos poemas. Havia ainda as “Miríades”, trazendo a publicação de correspondências. O título desta última seção aludia a um grande número, dando a entender que a quantidade de cartas era considerável. Tanto a partir do envio de colaborações em prosa ou verso, quanto por meio das tantas missivas, reforçava-se o papel do periódico no estabelecimento de uma rede de escritoras e leitoras com pendores e gosto pelas letras.

A linha editorial do periódico era complementada por tópicos voltados ao entretenimento, com jogos de paciência, charadas, logogrifos, os quais angariavam significativa popularidade. Como redatora, Julieta Monteiro era a responsável pela maioria das matérias editoriais do periódico, bem como do expediente, cujos maiores destaques eram as várias transcrições de outros periódicos e suas recepções quanto à *Violeta* e apreciações do conteúdo dos jornais intercambiados e de livros publicados. Ela também levava ao público os avisos quanto ao funcionamento interno do jornal, aos detalhes dos intercâmbios e aos apelos aos assinantes.

O fato da publicação da *Violeta* constituir uma atividade praticamente unipessoal da parte de Julieta ficava evidenciado também nas notas por ela publicadas, visando a combater a inadimplência dos favorecedores, a estabelecer escusas por alguma falha na distribuição/circulação do periódico e a evidenciar os óbices oriundos da dificuldade em obter funcionários. As tarefas eram tantas, que cada momento superado era considerado como digno de comemoração.

Julieta Monteiro teve de enfrentar dificuldades de todas as ordens para dar continuidade ao seu projeto editorial. Muitos desses problemas estavam vinculados ao próprio caráter unipessoal da atividade, com a concentração de funções nas mãos da proprietária.

A assinatura do periódico custava 500 réis mensais ou 1\$500 réis trimestrais, pagos adiantados, para o âmbito citadino, e, para fora da cidade, o preço era de 2\$000 réis adiantados, por trimestre. Às vésperas da publicação completar seu primeiro trimestre, já havia cobranças quanto aos favorecedores inadimplentes, de modo que

Julieta Monteiro pedia aos assinantes que ainda estivessem em débito com a empresa que fizessem o obséquio de mandar saldar tal dívida (VIOLETA, Rio Grande, 19 maio 1878, a. 1, n. 10, p. 1).

Apesar de tantos obstáculos e da pouca perenidade, a *Violeta* teve um significativo alcance em relação ao seu mote editorial. Tal periódico conseguiu ser muito a contento um representante da imprensa feminina, constituindo-se em um dos percursos nos quadros sul-rio-grandenses. Além da redatora, as tantas colaboradoras que enviavam textos em prosa e poesia, correspondências e peças de entretenimento eram mulheres. Ainda que muitas se utilizassem de pseudônimos ou iniciais, como era muito comum à época, tal constatação pode ser verificada a partir das próprias notas publicadas pelo jornal, evidenciando tanto o rol de articulistas como o público leitor com o gênero feminino. A folha abria um amplo espaço para as colaborações e a maior parte era de escritoras desconhecidas.

Outro dos alcances do periódico esteve vinculado à realização de um constante intercâmbio, promovido a partir da troca de exemplares com publicações de vários lugares. A proprietária fazia questão da manutenção dos intercâmbios, estimulando e agradecendo os parceiros, como ao manifestar a todas as redações dos periódicos com os quais intercambiava o agradecimento pela permuta que tanto lhe honrava (VIOLETA, Rio Grande, 26 maio 1878, a. 1, n. 11, p. 1). Por outro lado, Julieta era incisiva quanto à regularidade dos intercâmbios, chegando a avisar que ficaria suspensa a entrega do jornal a todas aquelas empresas tipográficas cujas redações não permutassem seus periódicos com a *Violeta* (VIOLETA, Rio Grande, 30 jun. 1878, a. 1, n. 16, p. 1). Quanto a tais trocas, ela chegava a pedir às redações de todos os periódicos de fora da província, os quais davam a honra de permutar com a *Violeta*, que, quando realizassem o envio, o fizessem para a cidade do Rio Grande e não a de Pelotas, como acreditava que estava acontecendo por engano, resultando disso que uns se extraviavam e outros demoravam a ser recebidos (VIOLETA, Rio Grande, 14 jul. 1878, a. 1, n. 18, p. 1)

A redatora mostrou-se jubilosa quando o intercâmbio ultrapassou as fronteiras do império, chegando aos Estados Unidos, de modo que dizia folgar assaz ao dar tal notícia aos seus favorecedores, pois, ainda que tivesse sido geral no Brasil a aceitação do “modesto jornalzinho”, nunca chegara a lhe persuadir que de tão longe receberia tão inequívoca prova de apreço (VIOLETA, Rio Grande, 21 jul. 1878, a. 1, n. 19, p. 1). A reação

também foi de entusiasmo quando a permuta chegou à Europa, havendo o destaque de que a “obscura redação” da *Violeta* não tinha palavras com que pudesse exprimir sua sincera gratidão à tão subida prova de apreço que lhe fora dispensado, a partir do intercâmbio promovido de parte de uma publicação lisbonense (VIOLETA, Rio Grande, 13 out. 1878, a. 1, n. 31, p. 1).

Mas suas preocupações quanto ao intercâmbio voltavam-se também em relação aos jornais de cidades mais próximas. Foi o caso de ter verificado que um periódico pelotense não acusava o recebimento da *Violeta*, de modo que participava à redação do mesmo, que vinha sendo pontual na remessa do seu “jornalzinho”, ignorando se ele vinha ou não chegando ao seu destino (VIOLETA, Rio Grande, 18 ago. 1878, a. 1, n. 23, p. 1). Mais tarde, em relação ao mesmo jornal, Julieta Monteiro voltaria a preveni-lo que o seu recebimento deixara de ocorrer por período de dois meses e fazia o aviso por crer que aquela era uma falta involuntária. Lembrando os problemas que tivera na cidade vizinha, a redatora, com ironia, dizia acreditar que, quanto a entregas, o seu colega tivera no Rio Grande, o mesmo caiporismo que ela em Pelotas (VIOLETA, Rio Grande, 6 out. 1878, a. 1, n. 30, p. 2)

Tais trocas eram levadas muito a sério por Julieta, a ponto de ela chamar a atenção de uma redação para a qual desde o começo enviara com pontualidade o seu “modesto jornalzinho”, mas, em contrapartida, não chegara a receber mais que dois números da dita folha. Diante disso, dizia não compreender o que estaria ocorrendo e perguntando quem estaria a encarregar-se de extraviar os jornais (VIOLETA, Rio Grande, 3 nov. 1878, a. 1, n. 34, p. 1). O número de periódicos intercambiados era ampliado constantemente, chegando a ultrapassar uma coluna inteira na exposição de seus títulos. Diante disso foi publicado o aviso que, atendendo a falta de espaço, a redação resolvera dali em diante publicar a revista dos jornais recebidos todas as quinzenas, deixando de fazê-lo semanalmente, como até então (VIOLETA, Rio Grande, 15 set. 1878, a. 1, n. 27, p. 2).

O sucesso das permutas da *Violeta* foi amplamente significativo, tanto que, das vinte províncias que formavam o império, atingiu quase todas. Tal intercâmbio chegou a quatorze dessas unidades administrativas, com destaque para as mais importantes em termos de densidade populacional. As exceções foram as longínquas Amazonas, Goiás, Maranhão e Piauí, além de Pernambuco – única província nordestina não atingida –, e, surpreendentemente a vizinha Santa Catarina. O próximo mapa mostra marcadas as províncias brasileiras nas quais chegou a *Violeta*.



O maior destaque, como não poderia deixar de ser, foi a própria província sulina, chegando o periódico em várias localidades sul-rio-grandenses, com maior evidência para o litoral e as regiões da campanha e da fronteira. Quanto ao âmbito exterior ao Rio Grande do Sul, a ênfase esteve nas localidades paulistas e fluminenses, seguindo-se as demais províncias. Chamava atenção o aspecto pelo qual as permutas não se davam apenas em relação às capitais provinciais, mas também, e por vezes com maior incidência, em relação às cidades interioranas. Houve também a presença do contexto internacional, com Lisboa e Nova York.

Por meio da *Violeta*, Julieta de Melo Monteiro demonstrou que a experiência de editar um representante da imprensa literária e feminina poderia ter algum alcance. Ainda que restrito em termos cronológicos, o periódico teve repercussão como um dos projetos pioneiros na conjuntura sul-rio-grandense voltado à difusão da escrita e da leitura feminina. Como proprietária da folha, Julieta assumia as funções de gerenciamento do escritório e da oficina,

bem como a da organização, redação, seleção e revisão dos escritos, sem deixar de lado a distribuição e circulação dos exemplares e a cobrança e manutenção das assinaturas. Além disso, empenhou-se arduamente em conseguir uma significativa amplitude de permutas, de modo que transformou a *Violeta* em um eficiente veículo destinado a difundir a literatura e a escrita feminina.

Coluna dedicada ao anúncio da origem da *Violeta* publicada no diário rio-grandino *Comercial*, contendo o programa do hebdomadário:

Foi anteontem distribuído o primeiro número de um pequeno jornal que tem por título *Violeta*, periódico literário, crítico e instrutivo, redigido pela inteligente Sra. D. Julieta de M. Monteiro, que deve ser bem acolhido e merecer a consideração pública, principalmente do belo sexo.

O seguinte programa é já uma prova dos recursos intelectuais de que dispõe a Exma. Sra.:

PROGRAMA

É mais uma tábua, uma prancha, lançada ao grande naufrágio em que vai a literatura nesta patriótica província; naufrágio que se evidencia, não por falta de amor às letras e à liberdade, nem pela míngua de talentos, mas sim por essa frieza sistemática que a tudo enregela e pretende sufocar.

A literatura, essa pérola divina escapada dos lábios da Providência; a poesia, essa linguagem melíflua que nos fala com todos os acordes de uma harpa encordoada no céu, se tem um horizonte, se tem uma arena vasta para os seus elegantes devaneios, nenhum e nenhuma mais férteis em sazonar e produzir resultados que esta nobre e invicta província; onde por um dote como que natural das musas, a mocidade inspira-se, ora nos grandes faustos de um glorioso passado, ora nessa natureza esplendente e sempre pródiga de maravilhas sublimes.

Infelizmente, porém, o egoísmo, essa máscara de gelo com que se embuça a face do obscurantismo, não quer e não consente, que nem por simples ensaio as jovens de hoje travem de suas mimosas penas e venham preencher nas lutas grandiosas da ideia, o lugar de honra que lhes destina o natural impulso.

Como em outros tempos, o vocábulo do LITERATO, era tomado à esguelha pela ignorância dos papalvos aristocratas,

verdadeiros empadões políticos de outrora, parece que também hoje se desenvolve a epidemia malina; se bem que muitos de nossos literatos rio-grandenses, se tenham elevado à altura a que não podem atingir os grossos volumes de LOIRAS a que hoje se venera e... respeita.

Querendo por esse motivo a *Violeta* cometer uma cruzada toda de interesse público e utilidade instrutiva, sai altamente bela, logo que também o ilustrado público lhe preste o apoio de que necessita.

Na arena literária, a nossa profissão de fé é a seguinte:

Aceitarmos os escritos que tendam a interesse instrutivo e por consequência útil.

Submeterem-se os autógrafos a uma comissão de revisão, isto a fim de que não se confundam escritos de mérito reconhecido, por outros que nada têm de aceitação.

Com estas ideias, e com outras que em artigos subsequentes iremos traçando acerca do nosso programa, está estabelecida a modesta *Violeta*, para a qual pedimos a proteção pública, por vir ela concorrer para o grande sucesso, qual o de instruir, recrear e deleitar a todas as classes da sociedade.

Esperamos, pois, se a felicidade coroar nossos esforços, em breve tempo, melhorarmos de material, bem como aumentarmos o formato deste jornalzinho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Francisco das Neves. *Violeta*: breve história de um jornal literário no contexto sul-rio-grandense do século XIX. In: *Miscelânea – Revista de literatura e vida social*. Assis, v. 14, p. 125-141, jul. – dez. 2013.

BRANCO, Lúcia Castello. A escrita mulher. In: BRANCO, Lúcia Castello & BRANDÃO, Ruth Silviano. *A mulher escrita*. Rio de Janeiro: Casa-Maria Editorial; Livros Técnicos e científicos, 1989. p. 85-172.

BRANCO, Lúcia Castello. *O que é escrita feminina*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MAGALHÃES, Isabel Allegro de. *O sexo dos textos e outras leituras*. Lisboa: Editorial Caminho, 1995.

MAGALHÃES, Isabel Allegro de. Diferenças sexuais na escrita: ao contrário de Diótima. In: *Actas do Colóquio “Escrita de mulheres”*. Coimbra: Faculdade de Letras – Universidade de Coimbra, 2005. p. 9-23.

MINGOCHO, Maria Teresa Delgado. Nota prévia. In: *Actas do Colóquio “Escrita de mulheres”*. Coimbra: Faculdade de Letras – Universidade de

Coimbra, 2005. p. 7-8.

MOREIRA, Maria Eunice. Em poesia e prosa: a voz das Senhoras gaúchas do *Almanaque de Lembranças*. In: CHAVES, Vania Pinheiro (org.). *O Rio Grande do Sul no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro*. Porto Alegre: Gradiva Editorial, 2014a.p. 197-221.

MOREIRA, Maria Eunice. As senhoras gaúchas no Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro. In: *Convergência Lusíada*, n. 32, p. 29-39, jul. – dez. 2014b.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2015.

SCHUMAHER, Schuma & BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário de mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SOARES, Pedro Maia. Feminismo no Rio Grande do Sul – primeiros apontamentos (1835-1945). In: BRUSCHINI, Maria Cristina & ROSEMBERG, Fúlvia (orgs.). *Vivência: história, sexualidade e imagens femininas*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Brasiliense, 1980. p. 121-150.

Recebido em 17.09.2018

Aprovado em 01.11.2018